

DOM HELDER CÂMARA: O SANTO REBELDE.

ENTREVISTA COM A CINEASTA ÉRICA BAUER

*Flávio José Rocha da Silva**

RESUMO

A cineasta Érica Bauer estava lançando o documentário *Dom Helder: O Santo Rebelde* na cidade de João Pessoa, em novembro de 2004, e eu vi nesta oportunidade uma chance de entrevistar mais uma pessoa que se interessa pela história de Dom Helder. Terminada a apresentação do documentário, eu fui até Érica e propus entrevistá-la no dia seguinte, o que ela aceitou prontamente e de forma amável. No dia seguinte, nos encontramos para nossa conversa em um restaurante à beira mar da orla da capital paraibana. Érica foi solícita comigo durante todo o tempo em que eu a entrevistei e não se furtou a responder nenhuma pergunta sobre o processo de produção do seu documentário ou o porquê da escolha do personagem para aquele seu trabalho cinematográfico.

Palavras-chave: Dom Helder Câmara, Cinema, Religião

INTRODUÇÃO

A cineasta Érica Bauer estava lançando o documentário *Dom Helder: O Santo Rebelde* na cidade de João Pessoa, em novembro de 2004, e eu vi nesta oportunidade uma chance de entrevistar mais uma pessoa que se interessa pela história de Dom Helder. Terminada a apresentação do documentário, eu fui até Érica e propus entrevistá-la no dia seguinte, o que ela aceitou prontamente e de forma amável.

* Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Autor de *Dom Helder Câmara: Meditações Pela Integridade da Criação* (Sal da Terra, 2010). Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5003076014211529>. E-mail: flaviojoserocha@gmail.com.

No dia seguinte, nos encontramos para nossa conversa em um restaurante à beira mar da orla da capital paraibana. Érica foi solícita comigo durante todo o tempo em que eu a entrevistei e não se furtou a responder nenhuma pergunta sobre o processo de produção do seu documentário ou o porquê da escolha do personagem para aquele seu trabalho cinematográfico.

Finda a entrevista, nós começamos uma conversa informal. Depois de algum tempo, um garoto que não aparentava mais que 10 anos e que tinha uma enorme cicatriz de queimadura na face aproximou-se para vender barquinhos de madeira. Eu coloquei todo o meu aprendizado sobre responsabilidade social e imediatamente disse que não iria comprar (ficava reprisando na minha mente a propaganda contra o trabalho infantil). O garoto continuava a insistir e Érica comprou um barquinho e me presenteou. Naquele momento eu senti a presença de Dom Helder em nosso meio. O meu racionalismo não deixou que eu enxergasse a pessoa humana naquele garoto, nem me deixou escutar a sua história. Eu pensei comigo mesmo que eu ainda tinha muito a aprender com e sobre Dom Helder, mas me pareceu que Érica estava caminhando muito bem no aprendizado.

ENTREVISTA

Flávio – Eu já li que você se inspirou para fazer o filme quando foi fazer uma entrevista com Dom Helder sobre Josué de Castro. Eu queria saber exatamente como foi e quando foi que você teve o primeiro contato com Dom Helder e como é que foi?

Érica – Eu voltar um pouco, que não é bem assim. Eu assisti um filme sobre Josué de Castro onde Dom Helder dava uma entrevista. Eu não cheguei a fazer contato pessoal com Dom Helder. Dom Helder era uma figura na minha família muito respeitada quando eu era criança e nunca mais eu ouvi falar... Era uma referência, mas não conhecia nada. Aliás como a maioria dos brasileiros. Quando eu vi Dom Helder eu estava com o meu marido e começamos a falar das luzes do Brasil. Porém, não conhecia nada e ficou, engraçado, ficou na minha cabeça a figura dele. É como se tivesse dado um estalo. Isso foi em abril de 99, março de 99. Em abril de 99 eu passava pela livraria Siciliano e vi a biografia do Dom Helder, do Nelson Pilleti e do



Valter Praxedes¹, e foi muita coincidência. Eu falei: puxa, agora eu vou descobrir um porco mais dele e li o livro. Devorei em poucas semanas e tive certeza que ali era um próximo filme. Fiquei um ano em crise sem saber o que fazer. Não tinha inspiração, não queria dizer nada. Fazer um filme sem dizer nada... Enfim, comecei a trabalhar, comecei a escrever, mas tudo muito precário. O primeiro roteiro que eu escrevi era o livro. Início, meio e fim muito parecido com o livro. Eu falei: isso não é filme, eu não tenho nada ainda. E comecei. Visitei a CNBB. Fui lá e fiz cópias de vários artigos publicados por Dom Helder, escritos sobre ele nos jornais ou assim... Várias centenas de páginas e dei início a essa pesquisa. Houve um edital do Ministério da Cultura para documentários e eu me inscrevi com a aquela precariedade toda ainda para um documentário. Felizmente não ganhamos. Digo felizmente, porque se naquele período eu tivesse feito o filme ia ser uma tristeza, ia ser um desastre porque aquele não era o Dom Helder verdadeiro. Eu acho que para se construir a história de um personagem é preciso: primeiro ter um domínio do tema. Conhecer de perto quem conviveu com ele, já que ele não está mais aqui e, principalmente, extrapolar este conhecimento. Partir para indagações.

Flávio – Então você nunca encontrou pessoalmente com ele?

Érica - Nunca o encontrei pessoalmente. Aliás, me perguntaram se eu teria tido vontade, se teria sido diferente se eu tivesse feito contato com ele. Eu acho que não porque eu hoje conheço o Dom Helder que eu conheci estudando, conhecendo os amigos, conhecendo as obras. Eu acho que esse é o meu Dom Helder. Eu acho que esse é o Dom Helder que eu pude buscar, que é o Dom Helder que ele me permitiu conhecer. Eu acredito muito nisso. Esse foi o Dom Helder que me foi permitido conhecer.

Flávio - E que referência você tem dele da tua infância? Você disse que ele era uma figura respeitada na tua casa.

Érica – A minha casa sempre foi uma casa muito politizada. Minha família... Meu pai era na época dos anos sessenta, como bom brasileiro, ele combateu aquele regime totalitário. Inclusive saiu do país por um período. Conheceu a minha mãe. Minha mão

¹ Dom Helder Câmara: entre o poder e a profecia (1997).



também ligada aos direitos humanos, simpatizante. Então nós discutíamos muito a política, o que acontecia no país. E Dom Helder era um nome que trazia respeito. Tem uma tia do meu pai que é muito religiosa. Apesar de não ser muito liberal, ela tinha Dom Helder como referência. Como homem santo. Falava muito disso na minha família.

Flávio – O que é que o filme te ensinou sobre a figura de Dom Helder?

Érica - Me ensinou que é possível ser feliz. É possível você ter tanta consciência assim e tanta alegria. Porque quanto mais a gente sabe, mais vai dando aquele vazio. Poxa, na verdade eu não sei nada. Consciência dos problemas, das dificuldades. Mas eu acho que tem consciência das dificuldades e ao mesmo tempo você tem consciência de que essas dificuldades podem ter alguma solução que é preciso trabalhar por elas e isso dá aquela vontade de trabalhar. Eu acho que é possível ser feliz. Dom Helder me ensinou que é possível ser feliz e que é possível ser bom. Ter bom coração. Que é possível trabalhar este coração. Tive muitos problemas nestes cinco anos. Divergências... Cheguei a romper com algumas pessoas. Mas eu sabia que a ideia do filme era maior e me fez amadurecer e crescer muito. Eu acho que venci minhas próprias barreiras fazendo este filme. E cada vez que eu pensava em desistir, me vinha a figura do Dom Helder. Eu falei: puxa, mas ele teve tantos problemas incomparáveis com os meus e ele venceu isso. Quem sou eu... um pedacinho assim, um grãozinho.

Flávio – E como é que foi a pesquisa durante estes 5 anos? Você teve que ir na França?

Érica – Fui. Primeiro eu tentei esgotar aqui no Brasil. Me aproximei das pessoas. Algumas mais difíceis de serem contatadas. Fui à CNBB.² Fiz toda a pesquisa ali dentro. Fui entrevistando. Fui buscando em Recife também. Foi uma conquista passo-a-passo eu fui conquistando e sempre me lembrando que ele fez isso também. Então isso me estimulava quando eu percebi que não tinha imagens sobre ele, inclusive, na Obra de São Francisco³ faltavam imagens. As fitas estavam todas estragadas. As fitas

² Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

³ Projeto social criado por Dom Helder sediado em Recife.



VHS que eles tinham, eles não tinham originais de nada na TV, onde ele deu algumas entrevistas. Algum material eu consegui e outros não. Registros em TVs. Eu levantei tudo que tinha na TV Cultura, na antiga TV Tupi, na Globo. Fiz uma pesquisa extensa na Globo local em Recife e na Globo do Rio e quando eu percebi que chegava nos anos setenta até os anos oitenta nada existia, havia um buraco, e ninguém sabia me localizar onde encontrar isso, no Brasil. Foi quando eu comecei a acionar a Europa. Aí eu entrei no Arquivo da NBC⁴ e vi que o nome Helder Câmara era um nome que constava em todos os arquivos de TVs. Impressionante, você clica Helder Câmara e começa a aparece várias imagens e referências, onde achar, onde encontrar.

Flávio – Você teve alguma resistência dentro da Igreja?

Érica – Com certeza. Tive muita, sim. Tive muita não exatamente no início, porque no início ninguém te valoriza ou “Quem é ela? Ela não vai chegar a metade de onde pode chegar.” Então eu era aquela simpática que apareceu do nada, que não ia chegar a nada. Porém, quando eu fiz a primeira versão da TV e eu apresentei isso em um encontro da CNBB, foi o Prêmio Margarida de Prata⁵, que o filme foi convidada a ser exibido, eles levaram um susto. Acabou o filme, foi um silêncio geral. E tinha [no documentário] o Marcelo Barros⁶, que não é uma figura que tem muita simpatia ali dentro. Tem o Padre Reginaldo⁷ que fala um pouco mais, inclusive cita certas coisas. O Boff⁸ finalizando. Então me convidaram depois para conversar. No dia seguinte me ligaram dizendo que para o filme, para o longa metragem que eu olhasse, não colocasse certas coisas, que não é bem assim, etc., etc. Eu falei: tudo bem, eu escuto. Não quer dizer que isso aqui é uma proibição, porque eu sou livre, não tenho vínculo com ninguém, ainda bem, porque eu acho que o maior trunfo do filme foi essa desvinculação. A CNBB deu muito apoio institucional no início. O Dom Raimundo Damasceno ajudou muito, me deu contatos. No Vaticano eu entrei graças a uma carta que me abriu portas para poder assistir, mas quando eu quis comprar algumas imagens, por exemplo, uma entrevista de 5 minutos sobre o Concílio Vaticano II em 1987, uma imagem perfeita, maravilhosa. Dom Helder em Roma falando sobre o

⁴ Rede de TV estadunidense.

⁵ Prêmio para filmes brasileiros instituído pela CNBB.

⁶ Marcelo Barros é um monge beneditino.

⁷ Reginaldo Veloso é um ex padre católico e foi muito próximo de Dom Helder.

⁸ Leonardo Boff é teólogo.



concílio Vaticano II (essa imagem é precocíssima), essa imagem eles não me venderam, não me deram de forma alguma. Isso porque o filme... Eles já tinham uma ideia de quem eu era, que eu já tinha feito uma versão que não tinha agradado e eu acho que não queriam criar vínculos comigo.

Flávio – Como é que era o sentimento das pessoas que eram entrevistadas por você, tipo o Leonardo, o Caramuru?

Érica – Emocionante, emocionante, emocionante! Uma coisa que eu acho que tem no filme é a dissociação do nome Leonardo Boff, dele como pessoa, e incorporando o Dom Helder Câmara, incorporando a devoção ou o conhecimento sobre Dom Helder. O Boff não fala dele. Ele sai de si para puxar o personagem Dom Helder Câmara. Isso para mim foi muito forte. Porque todos eles falavam de Dom Helder como se Dom Helder estivesse vivo. Isso foi o mais forte para mim. Dom Helder está muito vivo nessas pessoas e isso eu não imaginava.

Flávio – Eu vi uma palestra de Dom Helder dois ou três anos antes dele morrer em Campina Grande. Ele tinha criado o Projeto Ano 2000 Sem Miséria.

Érica - Que inspirou Betinho.

Flávio – Exatamente. E quando ele foi entrando no ginásio cheio de gente, eu pensei: por que estão fazendo isso com Dom Helder? Porque vinham duas pessoas segurando os braços de Dom Helder para ajudá-lo a caminhar. Mas quando ele começou a falar era como se fosse uma pessoa de vinte anos. Eu fiquei muito impressionado com ele. E foi uma pessoa que me inspirou muitos e muitos dos meus amigos. Agora pouco eu fui dar uma palestra para um grupo de jovens, e em geral eu encerro minhas reuniões com uma das meditações de Dom Helder, e ninguém sabia quem era Dom Helder. Eu acho que o filme vai ter essa função de resgatar a memória de Dom Helder. Como é que tem sido a reação do público?

Érica – Isso é outra coisa impressionante. Como eu te disse, eu acho que Dom Helder está muito vivo. Eu acho que com essa veemência dos entrevistados e a força das imagens, porque ele teve essa preocupação de deixar esse legado. Se você percebe bem, o filme tem inúmeras câmeras. É ele olhando para a câmera e câmera olhado

para ele. No final tem até o fotógrafo com aquela música no Recife. Ainda tem mais um fotógrafo tirando foto dele e ele na frente. Esse foi o legado, além de tudo que ele fez. Ele deixou esse legado de imagens. Os jovens tem... E é engraçado, quando termina o filme eles vêm todos falar comigo e me abraçam com um forte sentimento de gratidão por ter assistido ao filme. Em São Paulo, por exemplo, foram alguns jovens lá e na outra sessão esse número aumentou. Eram os amigos daqueles jovens que tinham recomendado o filme e perguntando quando é que esse filme irá para o cinema, porque eles queriam levar mais pessoas. Que eles não conheciam a dimensão do trabalho dele. Alguns nem o conheciam. E por que o Brasil não conhece isso? Por que ele foi esquecido dessa forma? Tem sido muito forte a reação dos jovens. Ficam até o fim. É de agradecimento.

Flávio – Você tem pessoas da hierarquia da Igreja Católica no Brasil indo até você te agradecer por este filme?

Érica – Ainda não. Não sei em Brasília. Eu convidei a CNBB para ver em Brasília. Porque também foram festivais. Fortaleza, por exemplo, o Monsenhor Camuça que dá aquele depoimento no início, que ficou muito emocionado. Em São Paulo não foi ninguém. No Rio também não foram. Eu acho que eles sabem do filme. Eles sabem como está o filme. As informações circulam. Da hierarquia não foi ninguém assistir. Mas devem estar curiosos.

Flávio - Eu li a biografia e vários outros livros de Dom Helder, mas o filme me trouxe duas surpresas. Uma a respeito da entrevista para a NBC⁹ sobre a Aliança para o Progresso¹⁰ e a questão do Papa João Paulo II dizendo a Dom Helder que aquela missão internacional era uma missão do sucessor de Pedro. Que outras surpresas você teve na pesquisa?

Érica – A surpresa que eu tive foi essa força dele fora do Brasil. Essa relação dele com a mídia. Isso para mim foi uma grande surpresa porque como tem pouca imagem dele no Brasil. Tem essa entrevista longa que perpassa todo o filme, que é uma

⁹ Rede de TV estadunidense.

¹⁰ Projeto assistencialista criado pelo governo do presidente Kenedy e criticado por Dom Helder em uma entrevista para a NBC.



entrevista normal de quem sabe falar muito bem, mas não tem a verve que tem nas imagens da Europa. Eu percebi também o ator, aquele que sabe falar, que sabe interpretar no palco, a oratória. Isso para mim foi uma grande novidade. A força psicológica que ele exerce sobre o público. Essa simpatia e essa desenvoltura.

Flávio – Você é uma pessoa que trabalha com imagem e ele, desde os anos cinquenta quando a TV surgiu no Brasil, ele fez aquela companhia na TV para ajudar o pessoal vítima do estouro de uma barragem no Ceará. Isso ao vivo, sem nenhum treinamento, sem estudar teatro. Hoje com a internet, que perspectiva você teria para ele. Como ele iria lidar com esse novo mundo tecnológico?

Érica – Eu acho que ele iria deitar e rolar. Ele trabalhava muito em equipe. Ele sabia delegar funções. E as equipes incorporavam esse espírito dele. Eu acho que ele ia ter gente escrevendo em sites. Uma equipe para mandar e-mails, outra equipe para ler, outra equipe para pesquisar. Ia ser assim, braço, perna... como dizia o Brouqué¹¹: uma perna para cá, um braço para lá, cabelo... Eu acho que ele ia estar em todos os lados. Ele iria ajudar muito nesta campanha pela paz, pelo desarmamento. Iria estar junto com este governo esclarecendo muita coisa¹². Não iria deixar acontecer muita coisa. Ele era uma viva voz do discernimento. Ele tinha uma capacidade de discernimento muito grande. Uma consciência quase que impermeável aos dissabores do ego. Eu acho que ele iria estar ajudando a esclarecer e iria ajudar muita gente a não se perder.

Flávio – Você estava me contando destas comunidades que ainda existem lá na França e na Itália. Nos Estados Unidos muita gente está revisitando a obra de Dom Helder. Como foi o teu encontro com estas pessoas lá?

Érica – Também foi maravilhoso. Foi muito forte. O Brouqué, por exemplo, quando me encontrei com ele, a gente manteve alguns contatos por e-mail, e como eu não falo e nem leio muito bem em francês (imagina, a gente se comunicava em francês). As vezes eu escrevia em português e ele tentando entender uma coisa entendia outra. De qualquer forma eu combinei com ele que eu iria com uma equipe para entrevistá-

¹¹ Jornalista holandês que divulgou o nome de Dom Helder na Europa.

¹² Referência ao governo do Presidente Lula.



lo na França. Ele entendeu que a gente tinha marcado um almoço. Então, estava ele me esperando com uma antiga editora de um livro, a Eva ... Esqueci o nome dela. Uma senhora que tinha publicado um livro de Dom Helder, muito interessante e inteligente e uma outra brasileira. Quando eu cheguei com a câmera ele se assustou. Ele é uma pessoa muito respeitada na França. Um jornalista que trabalha em um jornal importante de lá. Mesmo assim fomos almoçar e ele deu essa entrevista. Sentou quase duas horas comigo para falar de Dom Helder e muito emocionado. Dizendo, inclusive, que a pergunta que ele lançou foi: como Dom Helder conciliava essa relação com a mídia, com as tvs e a profissão de fé, essa humildade com as pessoas simples, essa relação com o povo? Essa pergunta nunca foi muito esclarecida porque como todo europeu, cartesiano, isso para ele era quase inconciliável e que ele queria dizer no filme um pouco mais esse esclarecimento. Ele queria muito ver um filme com depoimentos, como essas imagens todas para ele poder finalmente entender, porque Dom Helder deixava essa pergunta no ar.

Flávio – É muito impressionante porque sendo uma pessoa pública tão famosa, ele ia para qualquer favela, sentava no chão...

Érica – E conversava como o povo. Como ele fala no filme: “Dom Helbis, isso não é agiotagem, não?” Ele sabia dizer na linguagem popular: “É, minha filha, agiotagem internacional”. Eu encontrei com um cineasta que na época fez aquelas imagens em alemão, não todas, tem uma que ele está caminhando com os militares nas ruas do Recife, aquele do “só o amor constrói” [cena do documentário]. Foi um cineasta, nos anos setenta, do Dom Helder junto com o Dom Sigaud. Ele construiu dois retratos opostos. E eu soube desse filme através de um, de um, de um... Você começa a perguntar, perguntar... E hoje ele está muito rico, tem uma produtora muito conhecida, chama-se Telux, faz programas e filmes católicos. Cresceu muito. Engordou, ficou rico (risadas). E aí eu perguntei como é que foi naquela época. Ele falou: “Olha, o Brasil, a América Latina era a nossa referência para nós jovens, artistas, cineastas. Nós íamos para lá porque nós queríamos ajudar a construir esse novo mundo e Dom Helder era este ícone. Dom Helder simbolizava esse novo mundo, essa nova porta. Aquilo que a gente sonhava do que deveria ser. E ele fazia com que milhares de jovens se mobilizassem. Só que hoje acabou. Hoje a América Latina não é prioridade”.

Ele disse: “Hoje nós temos outros focos. Esse sonho acabou. Nós não sonhamos mais. Hoje eu trabalho e ganho o meu dinheiro”. Passou um tempo, eu recebi a cópia do filme e fui assistir ao filme. Soube onde é que estava, porque ele não estava com essa cópia. Levei esse filme para o Brasil e fui perguntar o preço para esse produtor. Perguntei quanto ele cobrava e ele botou um preço lá encima, era quase que R\$15 mil o minuto, mais ou menos ou mais do que isso. Aí eu mandei um e-mail: Você se lembra daquele sonho dos anos setenta, do novo mundo, do que Dom Helder representava? Você me disse que você não tinha mais sonho, mas eu não concordo com você, porque eu ainda sonho e essa mensagem do Dom Helder é muito atual. Pode não ser para você aí na Alemanha, mas para o Brasil significa muito. Cadê o sonho? Por que você não me ajuda a sonhar? Me ajuda a ter essas imagens”. Me mandou um e-mail: “Ok. Você tem direito a ter até três minutos por R\$1 mil e faça o melhor filme. Então é esse poder dessa corrente invisível que está solta. Eu acho que através desse carisma de Dom Helder, ou desse discurso que você acaba assimilando, você move, não move montanhas, mas move pequenos blocos.

Flávio – Eu queria encerrar perguntando se você tinha alguma ligação com a Igreja e o que mudou na tua espiritualidade depois desse filme?

Érica – A minha relação com a Igreja sempre foi muito próxima. Eu fui batizada, crismada, frequentava missa até os quinze anos, dezoito anos. Me afastei e não sentia muita proximidade na Igreja, no padre que celebrava missa perto da minha casa. Sentia uma certa distância e não me atingia espiritualmente. Tentava buscar alguma coisa. Não sabia o que, mas uma coisa dentro de mim ainda pedia, exigia... E fui fazer meu caminho sempre viajando. Quando eu fui para a Alemanha, eu fiquei lá nove anos, e você acaba encontrando algum espaço, tenta, ou se perde. Mas com esse filme, de certa forma, eu resgatei essa relação com a Igreja, dentro da simplicidade. É buscar a sua espiritualidade, expandi-la no encontro que seja com o padre quer for, desde que ele tenha uma sintonia com a sua paróquia, mas que naquele momento você possa refletir sobre a sua vida, sobre sua espiritualidade e captar o momento mágico de uma missa, ou seja qualquer manifestação que tenha uma força divina. Acho que é isso. Aprendi dentro da simplicidade a buscar a espiritualidade. Dom Helder mantinha essa relação, por exemplo, com o Divino nas madrugadas, das duas



da manhã até as quatro ou cinco horas ele conversava. E eu tentei fazer isso nesse período também. Então de vez em quando eu faço isso. Eu me lembro dele e falo: eu também posso fazer isso. E fico... de repente, quando eu não consigo dormir eu sento e faço as minhas meditações e isso é muito bom.

Flávio – Eu acho que essa é uma das grandes surpresas que a pessoa tem quando começam a saber sobre Dom Helder. Ele tinha aquela figura pública política que ninguém imaginava que era um místico, aquela coisa tão espiritual de rezar tanto e que a missa fosse tão importante para ele. E mesmo com todos os conflitos com a Igreja, ele respeitava tanto os superiores hierárquicos. Para mim, isso foi muita surpresa.

Érica – É, ele era mesmo um homem místico. Aquelas olheiras dele não eram a toa. Eram as horas de vigília, como ele chamava. Extremamente místico, extremamente místico... Acreditava... Isso eu aprendi também com ele: acreditar em todos os seres humanos, o bom o ruim, qualquer um porque tem um lado divino dentro dele. Dom Helder era um budista também. Esse encontro das religiões. Isso é fantástico porque todos acreditam no potencial do ser humano. Dom Helder não dizia não a ninguém. Inclusive o discurso de posse dele não é revolucionário, antirrevolucionário. Isso é maravilhoso você não ter preconceito de maneira alguma. Era um homem sem preconceitos. Uma vez ele estava andando em uma ruela do Recife e ele se perdeu e foi parar na rua das prostitutas, o baixo meretrício e as mulheres: “É Dom Helder, viva Dom Helder o bispo das putas” (risadas). Isso é o Marcelo Barros que conta. Isso é ótimo. Isso é a cara dele.

Flávio - Eu disse que era a última, mas eu tenho mais uma pergunta. Eu acho que este momento atual que a gente está vivendo no Brasil com o novo governo, com esperanças e desesperanças, a gente deve muito a Dom Helder, principalmente a coisa de não termos embarcado na violência nos anos setenta, porque ele tinha o poder de incentivar a não violência. Na tua opinião, depois de cinco anos de pesquisa, como você acha que ele iria está vivenciando todo este momento de tanta esperança e desesperança?



Érica – Eu acho que ele teria desembarcado no Iraque e se colocado frente aos soldados¹³. E se oferecido como mártir, não para suscitar publicidade, acreditando mesmo que esse não é o caminho e se quiser matar alguém que mate ele. Ele era um homem da paz. Ele jamais admitiria isso que está sendo feito, essas guerras, essa brutalidade toda. Eu acho que ele pegaria o avião e iria para o Iraque se manifestar, juntar milhares de pessoas junta a ele. Criado um manifesto. Ele estaria ativo lutando contra essa violência. Fazendo filmes pela paz, fazendo música. Inclusive eu acho que essa música *Give Me Love*¹⁴ é a cara dele. Para mim, ele e George Harrison lá em cima, os dois combinaram e jogaram dentro da minha cabeça essa música e essa música ficou no filme. Essa música é de 73, é muito interessante.

Flávio – Érica eu queria te agradecer...

Érica – É tudo muito mágico. Nada é a toa e eu sou apenas uma enviada.

Flávio – Eu queria te agradecer pela tua disponibilidade.

Érica – Imagina, foi um prazer. Cada vez que eu respondo a alguma pergunta eu estou refletindo também. Eu estou aprendendo sempre.

¹³ Referência a invasão do exército estadunidense no Iraque em 2003.

¹⁴ Música cantada por George Harrison e que encerra o documentário.

